

Culturas e história dos povos indígenas

2



Willian Douglas Guimarães
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

Culturas e história dos povos indígenas

2



Willian Douglas Guimarães
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes editoriais

Natalia Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Culturas e história dos povos indígenas 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Revisão: Os autores
Organizador: Willian Douglas Guilherme

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C968 Culturas e história dos povos indígenas 2 / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-335-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.351212307>

1. Cultura indígena. 2. Povos indígenas. I. Guilherme, Willian Douglas (Organizador). II. Título.

CDD 306.089

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

O e-book “Culturas e História dos Povos Indígenas 2” traz um conjunto de pesquisas que alinham educação e interculturalidade indígena, além de um artigo sobre a Aldeia Budista *Sukavati* e outro sobre o povo *maya* da cidade de Mérida, no México.

O primeiro, escrito a seis mãos, Vieira, Araújo e Almeida destacam a importância de uma educação intercultural como “via de ação política”, denunciando a exclusão de várias etnias indígenas dos livros didáticos, defendendo uma revisão da historiografia frente a essa negligência, pensando a educação como mediadora das mudanças sociais.

O segundo artigo, escrito por Santana, demonstra seu estudo sobre a cultura e história dos povos indígenas do Estado de Rondônia que são trabalhados por meio da literatura de cordéis amazônicos, com destaque ao poema “Índios de Rondônia”.

O terceiro artigo, de Guerra e Pereira, também denunciam o ocultamento da história indígena, desta vez, no Estado do Rio Grande do Norte. O estudo apresenta o resultado de estudos sobre os índios deste estado, o que resultou no seminário *Jeporuvô Arandú*, que intitula o artigo. Bem defendida, a interculturalidade é uma necessidade que deve ser melhor trabalhada dentro do espaço escolar do estado.

Corrêa, Abreu e Costa Lima trazem um estudo bibliográfico que compreende os anos de 1988 a 2021 onde pesquisaram a característica das políticas educacionais relativas a implementação da educação escolar indígena a partir da criação dos Territórios Etnoeducacionais. Segundo os autores, a pesquisa concluiu que sem o apoio efetivo do Estado se torna difícil a implantação concreta das políticas de educação indígena no Brasil.

O quinto artigo, relata a experiência da implantação das Aldeias Rurais Budistas no município de Quatro Barras, no Estado do Paraná. A comunidade Budista é a *Sukavati* e o estudo destaca os impactos positivos da presença desta comunidade em seu entorno, influenciando um maior contato das pessoas com a natureza.

Fechando o e-book, o antropólogo Ferreira, relata sua experiência de vivência no México entre os anos de 2018 e 2019, onde entrevistou os *mayas* da cidade de Mérida na intenção de identificar as mudanças do espaço ocupado por esta população. É um estudo reflexivo e que merece atenção do leitor que busca compreender fenômenos de segregação social.

Convido a navegarem pelos textos e desfrutarem do prazer desta leitura.

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A (RE)DENÇÃO DA HISTORIOGRAFIA E A PRÁTICA ESCOLAR: TROCAS ENTRE SABERES, MOBILIZAÇÕES E DIREITOS ÉTNICOS

Alexandre Gomes Teixeira Vieira

Mikaela Moreno Vasconcelos Araujo


Tatiane Lima de Almeida

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3512123071>

CAPÍTULO 2..... 16

CULTURA E HISTÓRIA DOS POVOS INDÍGENAS DE RONDÔNIA: ENSINO E APRENDIZAGEM NA LITERATURA DE CORDEL

Francisco Marquelino Santana

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3512123072>


CAPÍTULO 3..... 28

OS TERRITÓRIOS ETNOEDUCACIONAIS COMO OBJETO DE ESTUDO EM PESQUISAS ACADÊMICAS REALIZADAS NO BRASIL

Paulo Sérgio de Almeida Corrêa

Joniel Vieira de Abreu

Marcelo Machado Costa Lima


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3512123073>

CAPÍTULO 4..... 49

JEPURUVÔ ARANDÚ – “UTILIZANDO SABEDORIA”: UMA EXPERIÊNCIA COM EDUCADORES E GESTORES EM TORNO DA TEMÁTICA INDÍGENA NAS ESCOLAS DO RIO GRANDE DO NORTE, DE ACORDO COM A LEI 11.645/2008

Jussara Galhardo Aguirres Guerra

Maria Gorete Nunes Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3512123074>

CAPÍTULO 5..... 60

IMPLANTAÇÃO DE ALDEIAS RURAIS BUDISTAS: ESTUDO DE CASO DO CENTRO DE ESTUDOS BUDISTAS BODISATVA SUKAVATI NO MUNICÍPIO DE QUATRO BARRAS

Simone Ciunek Corrêa


Luciane Silva Franco

Juliana Marques Santos Oliveira

Paulo Cesar Marcondes

Cristiana Magni

Reinaldo Knorek

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3512123075>

CAPÍTULO 6..... 72

PARA QUE OUTRA ETNOGRAFIA SOBRE MAYAS EM UMA CIDADE MEXICANA?

Marcos Henrique Barbosa Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3512123076>

SOBRE O ORGANIZADOR.....	81
ÍNDICE REMISSIVO.....	82

CAPÍTULO 6

PARA QUE OUTRA ETNOGRAFIA SOBRE MAYAS EM UMA CIDADE MEXICANA?

Data de aceite: 23/07/2021

Marcos Henrique Barbosa Ferreira

IGPA/PUC Goiás; PPGAS/UFG
<http://lattes.cnpq.br/4480797110038534>

RESUMO: Entre janeiro de 2018 e fevereiro de 2019, realizei entrevistas com mayas residentes na cidade de Mérida, México, sobre suas histórias de vida, com ênfase em atividades de trabalho e moradia. Tento compreender, a partir dessas histórias, alguns processos de transformação no espaço urbano de Mérida, tal como foram experienciados pelas populações mayas residentes na cidade. E tento identificar os fenômenos de segregação espacial enfrentados por estas populações ao longo desses processos. Nesta ocasião, proponho apresentar algumas reflexões e contribuições da pesquisa relacionando-as com questionamentos que surgiram ao longo da minha experiência de antropólogo pesquisador vivendo no México.

PALAVRAS-CHAVE: Etnicidade, mayas urbanos, etnografia.

WHY ANOTHER ETHNOGRAPHY ABOUT MAYAS IN A MEXICAN CITY?

ABSTRACT: Between January 2018 and February 2019, I conducted interviews with mayas living in the city of Mérida, Mexico, about their life stories, with an emphasis on working and dwelling activities. I try to understand, from these stories, some transformation processes in the urban space of Mérida, as they were

experienced by the maya populations living in the city. And I try to identify the spatial segregation phenomena faced by these populations during these processes. On this occasion, I propose to present some reflections and contributions from the research, relating them to questions that arose during my experience as a research anthropologist living in Mexico.

KEYWORDS: Ethnicity, urban mayas, ethnography.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Mérida, capital do estado de Yucatán, localizada no sudeste mexicano, tem uma população total de 892.363 pessoas. No senso de 2015, quando o *Instituto Nacional de Estadística y Geografía* (INEGI/México) usou pela primeira vez o critério de “auto atribuição”, 48,25% da população de Mérida se auto declarou indígena. Apesar de existirem outras etnias, por conta de processos migratórios que ocorreram em diferentes momentos da história, a população indígena de Mérida é predominantemente maya. Os mayas ocupavam toda a região da Península de Yucatán, onde se localiza Mérida, no momento que chegaram os colonizadores espanhóis.

Mérida foi construída sobre uma antiga cidade maya chamada *Th'ó*. Todas as pirâmides de *Th'ó* foram demolidas. As pedras que tinham sido usadas pelos mayas para construir sua cidade foram, depois, reutilizadas pelos

espanhóis para construírem um muro em torno de Mérida, que, por sua vez, receberia o apelido de “cidade branca”.

Dessa maneira, a construção da cidade representou a consolidação da invasão espanhola sobre a Península de Yucatán. Invasão liderada por Francisco de Montejo e seu filho, os fundadores da cidade. Na *Plaza Grande*, a praça mais central e mais turística de Mérida, fica a antiga residência dos Montejos, hoje um museu. Em sua fachada, vê-se a figura de dois espanhóis trajando uniformes de guerra, pisando nas cabeças de humanos em posição de humilhados, como se estivessem rendidos no chão (REED, 2014, p. 25). A escultura parece retratar a dominação espanhola sobre os povos nativos da Península de Yucatán.

Nas muralhas que circulavam a chamada “cidade branca”, haviam seis portais. Dois deles podem ser vistos ainda hoje, no que é hoje o centro de Mérida. No interior dos limites formados pelas muralhas, ou seja, no lado de “dentro”, viviam os espanhóis, enquanto que, no lado de “fora” haviam os chamados “*barrios de indios*”.

Segundo o professor Pedro Bracamontes, no ano de 1749 haviam 14.751 indígenas residentes em Mérida, enquanto a população espanhola era de apenas 3.388 indivíduos. A presença de afrodescendentes também era alta nesse período. Tudo isso mostra que a chamada “cidade branca”, em termos demográficos, não era tão branca assim (BRACAMONTE E SOSA, 2013, p. 49).

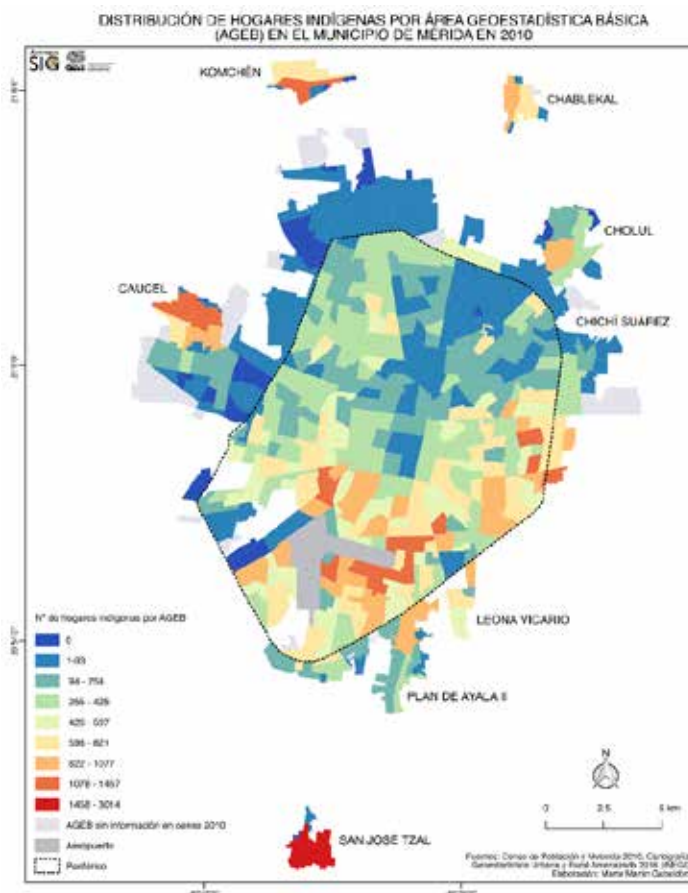
A população indígena que vivia nos bairros “de fora” das muralhas, desde o início, forneceu o trabalho necessário para construir, manter e fazer crescer a cidade: pedreiros, trabalhadores e trabalhadoras domésticos, serviços de transporte de vários tipos, entre outros. Em condições de vida marcadas pela violência, exclusão e forte exploração, eles mantiveram um movimento constante entre os bairros, a cidade e os diversos *pueblos* de Yucatán.

Tanto antes quanto depois da retirada das muralhas, a população indígena de Mérida ocupava espaços muito bem definidos. No início, os chamados “*barrios de indios*” incluíam bairros como Santiago, San Cristóbal e San Juan, que estavam localizados na periferia da cidade, mas que atualmente, devido à expansão urbana, estão localizados na zona mais central. Entretanto, a presença de população residente hoje nesses bairros é muito pequena. Com o passar dos anos, esses bairros foram transformados e as populações mayas deslocaram-se para áreas mais distantes em direção às periferias da cidade.

PENSANDO EM TERMOS DE MAPAS

O mapa a seguir, construído com o apoio do *Laboratorio de Sistemas de Información Geográfica* do CIESAS, expressa bem essas divisões espaciais (entre Norte e Sul, e entre centro e periferias), localizando as áreas em que se concentram as residências da população indígena que reside em Mérida atualmente, segundo os dados do censo de

2015 realizado pelo INEGI¹.



Mapa 1 - Distribuição espacial da população indígena em Mérida com base em dados de INEGI, 2010.

Neste mapa, as áreas vermelhas indicam uma maior concentração de residências indígenas, segundo o critério “auto-declaração”. Percebe-se que a maior concentração de população indígena está no sul, seguida pela zona leste. Há uma concentração muito alta em torno do aeroporto, principalmente “depois do muro do aeroporto”, que, pelo que percebo das entrevistas, é uma linha de fronteira entre o centro e uma parte do sul, que é, por sua vez, uma região muito estigmatizada da cidade. Essa região constitui-se como uma “mancha” urbana, nos termos de Guillermo Cantor Magnani, representada como violenta, insegura e precária. Localiza-se aí o Centro de Recuperação (CERESO), frequentemente utilizado pelos entrevistados como referência espacial para se referir à região.

Há uma alta concentração também em um ponto mais específico da zona oeste,

¹ Gostaria de agradecer imensamente o apoio do laboratório Antroposig / CIESAS, da Profa. Dora Patricia Torres, da Dra. Marta Martín Gabaldón e do Sr. Bulmaro Sánchez Sandoval.

onde está a cidade Cautel, uma *comisaría* do município de Mérida, onde vários programas de habitação foram realizados através de financiamento, o que resultou em um crescimento populacional muito rápido nesta região. A Ciudad Cautel, apesar de ser uma região bem urbanizada e diversificada, tendo também uma população de classe média, é situada “depois do periférico”. Alguns dos participantes da pesquisa ou familiares destes residem nessa região.

Além desses locais, há uma forte concentração da população indígena em alguns pontos do norte, “depois do Periférico”, em direção à cidade de Progreso, onde está a praia mais frequentada pela população de Mérida e um importante porto. No debate realizado pela Organização *Indignación*, na *Universidad del Sur*, em Mérida, em 12 de setembro de 2018, representantes das comunidades de Copó e Chablekal, cidades antigas, hoje delegacias de polícia em Mérida, expuseram os problemas que enfrentam por causa de as transformações geradas no espaço, na paisagem e no cotidiano dessas localidades após a construção de condomínios fechados nessas regiões. Entre várias coisas, os representantes das comunidades queixaram-se do fato de não terem representação perante o governo municipal, precisam de se adaptar a regulamentos e decisões cuja construção não participaram, sendo que essas decisões servem predominantemente aos interesses dos habitantes desses condomínios, uma população de média e alta renda.

NORTE E SUL DE MÉRIDA: PAISAGENS, FRONTEIRAS E SEGREGAÇÃO

Existe um contraste muito forte entre as características das paisagens das regiões norte e sul de Mérida. Além do contraste evidente, as paisagens do Sul, região onde se localiza a maioria das residências dos participantes desta pesquisa, são marcadas por profundo estigma social e um processo contínuo de invisibilização. Além de estarem em regiões de menor fluxo de pessoas, essas paisagens estão muitas vezes separadas do restante da cidade por algum elemento físico que pode ser uma via ou um muro, como é o caso da Avenida Circuito Colônias, do Anel Periférico ou do Muro do Aeroporto, também são designadas como as áreas mais violentas e inseguras da cidade.

Nas paisagens do norte, vê-se prédios suntuosos, vias de fluxo intenso de veículos, engarrafamentos, viadutos, shoppings centers. O maior trânsito de carros e pessoas ocorre entre essas paisagens do norte e as paisagens do centro de Mérida, principalmente na região do centro que está mais ao norte da cidade e que é também a região mais turística. Por esta razão, as paisagens que se situam entre a zona norte e o que poderíamos chamar de “centro turístico” aparecem como se fossem “a cara” o “cartão de visitas” de Mérida, no sentido de que são as paisagens mais conhecidas e mais divulgadas.



Paisagens do norte: Shoppings Centers. Disponível em: <https://goo.gl/maps/3HV6ffQMMup>. Acesso em: 21/07/2019.

Estas paisagens, bem como os lugares que elas designam, constituem, portanto, circuitos hegemônicos, pela sua predominância sobre outros circuitos e por apresentarem imagens selecionadas de Mérida que serão vistas e acessadas pela maioria das pessoas - especialmente por aquelas que não vivem na região sul da cidade. As paisagens do Norte e do Centro Turístico podem ser vistas nos cartões postais vendidos no centro, nas lojas onde os turistas compram seus *souvenirs* ou no material de propaganda do governo municipal, apenas para citar alguns exemplos.

Nas paisagens do Sul, podem-se ver predominantemente habitações simples, paredes de pedra, pequenas casas e alguma precariedade. Há também parques e praças, pequenos mercados, comércio informal, muitas pessoas nas ruas, triciclos e bicicletas... As vias são menores, com muito menos tráfego de veículos. Há muitas vans e ônibus do transporte coletivo e quase nenhum engarrafamento. Nessas paisagens, quase sempre circulam apenas as pessoas que vivem nessas regiões, e que, portanto, habitam também essas paisagens. As casas são parecidas entre si, com formato quadrado quase sempre, teto de cimento, muros baixos ou, às vezes, sem muros. Algumas casas possuem muros do tipo *albergadas*, típicos das casas mayas, feitos de pedras sobrepostas sem cimento, mantendo o uso de técnicas e materiais originais com diferentes níveis de variação. Algumas casas possuem quintais médios ou grandes. Outras possuem quintais pequenos, às vezes sem muro divisório com os quintais vizinhos. Sempre que possível, há uma grande variedade de espécies de plantas nos quintais; são frequentes a laranja ágrica com a qual se temperam vários pratos típicos de Yucatán, como o *poc chuc* e alguns tipos de feijão presentes na culinária maya.



Paisagens do Sul: Muro do Aeroporto. Disponível em: <https://goo.gl/maps/28N7S54cMzp>. Acesso em: 21/07/2019.

Entre o sul e o centro da cidade há um fluxo intenso de ônibus e vans do sistema de transporte coletivo. Nas ruas da região central, nos pontos onde chegam e de onde saem esses ônibus e vans, muitos moradores dos bairros da região sul fazem filas nas calçadas curtas para esperarem a condução que os levará ao trabalho ou de volta para casa. Também nessa mesma região existem diversas lojas e mercados onde os moradores do sul trabalham, passeiam e fazem suas compras. Entre o Sul e o Centro existem outros circuitos, outras paisagens, as quais praticamente não acessam – ou acessam com pouca frequência, em casos esporádicos - as pessoas que vivem ao norte ou os não residentes em Mérida. Estes circuitos que estão localizados no centro são representadas como a parte mais caótica (tumultuada) da cidade, e as áreas localizadas no Sul são representadas como regiões mais pobres, mais distantes e, às vezes, perigosas e violentas.

É nos bairros da região sul que reside a grande parcela da população de Mérida que se auto reconhece como indígena, principalmente maya. O estigma construído em relação às regiões onde residem os mayas de Mérida faz parte da discriminação étnica profundamente enraizada na história de Yucatán. O que impõe uma situação paradoxal aos mayas de Mérida que, apesar de se reconhecerem como indígenas, como indicam os dados do INEGI que apresentaremos a seguir, dificilmente podem expressar ou vivenciar sua identidade étnica livremente no contexto urbano. Devido à ideia de que os mayas são uma cultura do passado, ou uma cultura presente nos “*pueblos*”, na zona rural, mas não na cidade, os mayas de Mérida vivenciam uma situação complexa, como se estivessem em uma espécie de “sem lugar” no espaço social. Muitas vezes o único lugar que lhes resta é o de “pobres urbanos”, habitantes das periferias estigmatizadas da cidade, ou inseridos em trabalhos precários, desvalorizados e mal remunerados.

Esta situação está sendo rompida porque as novas gerações de mayas residentes

em Mérida trazem uma série de novos discursos e ocupam novos espaços que contradizem os estereótipos existentes na ideologia hegemônica acerca dos indígenas. Jovens artistas, músicos, professores e outros profissionais mayas, ao ressignificarem tais estereótipos, chamam atenção para a presença indígena em Mérida, que sempre existiu de maneira incontestada, mas relegada a alguns espaços físicos e sociais definidos, invisibilizada assim por meio do preconceito e da exclusão.

PARA QUE UMA ETNOGRAFIA?

A pergunta “Para que outra etnografia sobre mayas em uma cidade mexicana?” me acompanhou ao longo de toda a pesquisa. Eu trazia as lembranças de uma série de queixas muito bem fundadas acerca dos antropólogos e suas práticas, feitas por amigos indígenas urbanos brasileiros com quem mantive contato mais intenso durante o tempo em que coordenei a organização da Semana dos Povos Indígenas da PUC Goiás, onde eu trabalho. Eu também me questionava sobre o que me motivava a estar ali no México trabalhando, pesquisando esse tema, tendo deixado várias coisas importantes no Brasil.

A minha experiência entre os mayas de Mérida, que me receberam em suas casas e compartilharam suas histórias de vida, trouxe de volta a possibilidade de realizar etnografia, atividade que constitui, para mim, a parte mais importante do meu trabalho, mas que estava estacionada, depois de uma experiência fracassada de pesquisa em áreas segregadas de Goiânia, Goiás. Conhecer aquelas pessoas e suas histórias de vida, das quais falei em outra ocasião, também permitiu enxergar razões pelas quais continuar fazendo etnografia. Essas razões estão relacionadas à crença de que a antropologia deve contribuir para a compreensão de fenômenos que interferem diretamente na vida das pessoas, como o racismo e a segregação espacial, por exemplo.

No caso dessa pesquisa, a contribuição que eu busco realizar situa-se, principalmente, na tentativa de compreender as relações entre segregação espacial e discriminação étnica em contextos urbanos. O mapa que construímos e que foi apresentado acima expressa essa segregação, já que existem ali fronteiras bem delineadas que marcam os limites das áreas onde se concentram as moradias da população indígena. E as entrevistas, bem como a observação direta do cotidiano da cidade, revelam que existe um forte estigma social em relação a essas mesmas áreas, que, em realidade, são muito pouco acessadas pelos que não residem nelas. As representações que os não residentes - os não-indígenas, as pessoas de classe média ou de alta renda - fazem sobre essas áreas e suas paisagens (ilustrando-as como áreas violentas, precárias, remotas, perigosas), não coincidem em nada com a percepção das pessoas que residem nelas.

Também existe um forte estigma em relação às práticas sociais dos mayas em Mérida. São muitos os relatos de opressão e discriminação, que podem estar relacionadas ao fato de falar a língua maya em espaços públicos, por exemplo, ou morar em casa com

teto de palha. As famosas “casas mayas”, típicas dos *pueblos*, do espaço rural, mas que também podem ser vistas em Mérida, são tidas como “casas de pobre”, motivo pelo qual muitos de seus moradores acabam substituindo-as por casas de cimento, muito embora as casas mayas, redondas e com teto de palha, sejam muito mais confortáveis termicamente, porque estão melhor adaptadas ao clima e ao ambiente da Península de Yucatán.

O próprio termo *mestizo*, usado para se referir aos mayas na Península, tenta encobrir sua identidade indígena, diluí-la ou enfraquece-la, ao misturá-la com outras identidades, mesmo que nunca tenha conseguido de fato. A prova disso é que as novas gerações de mayas de Mérida reivindicam sua identidade indígena, definindo-se não como *mestizos*, mas como “mayas contemporâneos”, acionando discursos e práticas sociais com fortes referências às suas origens familiares e à história dos mayas de Yucatán.

O caso de Mérida ajuda a compreender outros casos, inclusive de cidades brasileiras, onde discriminação étnica e segregação espacial encontram-se relacionadas. Interessa, para mim, como antropólogo, compreender e divulgar os elementos sobre os quais essas relações se fundam e se estabelecem, mas também, ao mesmo tempo, identificar as possibilidades de superação dessas relações, no sentido da emancipação dos que estão envolvidos nelas, com base em experiências reais conhecidas por meio da etnografia.

REFERÊNCIAS

BRACAMONTE Y SOSA, Pedro. La península remodelada: los mayas y la movilidad espacial. Jesús Lizama Quijano (Ed.), *Entre irse y quedarse... Estructura agraria y migraciones internas en la Península de Yucatán*, Editorial Letra Antigua, Mérida, 2013.

DO RIO CALDEIRA, Tereza Pires. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. Editora 34, 2000

FERREIRA, Marcos H. B. *Etno-cidade: mayas em Mérida hoje*. 2020. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

ITURRIAGA, Eugenia. *Las élites de la ciudad blanca: racismo, prácticas y discriminación étnica en Mérida, Yucatán*. Tesis de doctorado en el Instituto de Investigaciones Antropológicas. México: FFyL-UNAM, 2011.

INGOLD, Tim. *Dwelling. The Perception of the Environment: essays on livelihood, dwelling and skills*. London and New York: Routledge, 2000.

LIZAMA QUIJANO, Jesús (Ed.). *Entre irse y quedarse...: estructura agraria y migraciones internas en la península de Yucatán*. Letra Antigua, Mérida, 2013.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; ANDRADE, José Agnelo Alves Dias de. Uma experiência de etnologia urbana: a presença indígena em cidades da Amazônia. *Paisagens Ameríndias: Lugares, circuitos e modos de vida na Amazônia*, v. 1, p. 45-74, 2013.

REED, Nelson. *La guerra de castas de Yucatán*. Ediciones Era, 2014.

REYES, Guadalupe. *Carnaval en Mérida: fiesta, espectáculo y ritual*. Conacultura, INAH, Colección Obra Varia, 2003.

SOBRE O ORGANIZADOR

WILLIAN DOUGLAS GUILHERME - Pós-Doutor em Educação, Historiador e Pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins e líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia”. E-mail: williandouglas@uft.edu.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3996555421882005>.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aldeias 11, 15, 26, 31, 33, 48, 60, 61, 62

Amazônia 10, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 79

B

Bílingue 28, 29, 31, 32, 33, 34, 42, 44, 46, 50

Brasil 1, 2, 3, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 18, 19, 26, 28, 29, 30, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 46, 47, 48, 50, 51, 58, 60, 61, 70, 71, 78

Budismo 60, 61, 68, 71

C

Cidade 61, 63, 65, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79

Colonizadores 11, 72

Comunidade 6, 51, 55, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71

Cultura 7, 9, 11, 12, 13, 16, 17, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 33, 34, 35, 50, 51, 59, 71, 77

D

Direito à educação 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 41, 46, 47

Direitos 1, 2, 3, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 17, 24, 25, 26, 36, 39, 43, 46, 50, 55

Diversidade 7, 8, 9, 10, 15, 19, 33, 37, 42, 43, 44, 46, 49, 50, 57, 58

E

Educação 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 19, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 58, 65, 66, 70, 71, 81

Etnicidade 49, 72

Etnografia 1, 3, 11, 49, 72, 78, 79

H

Habitação 60, 61, 75

História 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 41, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 58, 72, 77, 79, 81

I

Indígenas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 23, 24, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 58, 73, 74, 77, 78

Indígenas no RN 49, 51, 55

Investimento 28, 29, 46, 47

L

Literatura de cordel 16, 17, 18, 19, 25

M

Mayas urbanos 72

Mobilização 1, 3

P

Pesquisas acadêmicas 28, 29, 30, 40, 53

População 5, 7, 20, 51, 58, 69, 72, 73, 74, 75, 77, 78

R

Reconhecimento 1, 2, 6, 8, 9, 10, 13, 59, 66, 67

S

Seminários Jepuruvô Arandú 49

T

Territórios etnoeducacionais 28, 29, 30, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48





V

Valores 9, 17, 25, 26, 32, 35, 53, 57, 60, 61, 66

Culturas e história dos povos indígenas

2



-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Culturas e história dos povos indígenas

2



-  www.arenaeditora.com.br
-  contato@arenaeditora.com.br
-  [@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)
-  www.facebook.com/arenaeditora.com.br